

A leitura de histórias no processo de alfabetização de crianças

Alessandra Braga Costa¹

Geisa Magela Veloso²

Renata Durães Domingues³

Introdução

Esta pesquisa, em andamento, situa-se no campo de estudos da alfabetização e do letramento, e orienta-se pelo objetivo de analisar práticas de letramento literário e discutir a funcionalidade da leitura de histórias para a compreensão da linguagem escrita pelas crianças, em processo de alfabetização. Trata-se de um desdobramento de uma pesquisa de iniciação científica, cujo nome é “Aprender a ler e escrever: pesquisa educacional e ação pedagógica”, aprovado conforme parecer 1753, com início em 2010 e término em 2011.

O *locus* da pesquisa é uma escola pública localizada em região periférica da cidade de Montes Claros (MG). O universo de investigação inclui 21 alunos de uma turma do 2º ano de escolaridade na faixa etária de 7 anos em março de 2011, alunos estes que, no 1º ano distribuídos em outras turmas, encontraram dificuldades para se alfabetizarem, e ainda encontram-se sem saber ler e escrever. Como instrumento para análise dos dados tem sido utilizado o “diário de bordo”, com registro sistemático de dados coletados em nossa imersão na sala de aula — espaço em que, semanalmente, têm sido realizadas oficinas de leitura de textos literários diversificados, como: contos de fadas, narrativas curtas, histórias compostas por imagens, e outros.

Considerando os objetivos pretendidos, a pesquisa está sendo desenvolvida por uma abordagem qualitativa. Tomando Alves-Mazzotti (1998) como referência teórica, entendemos que a expressão “pesquisa qualitativa” é demasiado abrangente e engloba diferentes paradigmas. No entanto, com a autora, é possível afirmar que a abordagem qualitativa demarca uma oposição em relação ao positivismo, propõe uma perspectiva compreensiva e interpretativa da realidade, partindo do pressuposto de que as pessoas não

¹ Aluna do curso Pedagogia da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). E-mail: le.bcosta@hotmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). E-mail: velosogeisa@gmail.com

³ Aluna do curso Pedagogia da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). E-mail: renatadurães.stp@hotmail.com

agem de forma desinteressada e neutra. As pessoas são motivadas por suas crenças, percepções, sentimentos e valores, sendo que o seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não é dado a conhecer de modo imediato, sendo necessário estabelecer um movimento interpretativo para ser desvelado.

Nesse sentido, estamos realizando uma imersão diferenciada na escola, onde são realizadas atividades semanais de leitura de histórias dos mais variados gêneros e atividades de escritas que proporcionam às crianças a inserção no mundo literário e, ainda que não saibam ler, desenvolver a compreensão dos textos lidos sendo capazes de responder a perguntas sobre o que foi lido; entendendo como Smith (2003), que a compreensão da leitura é a capacidade de responder a questões específicas do texto. Por isso trata-se de uma pesquisa-ação.

Para Thiollent (1986), a pesquisa-ação é a modalidade de pesquisa que mais oferece subsídios para organização de dados abrangentes, com disponibilidade maior de experimentação da situação real, onde o pesquisador intervém com consciência do que se pretende alterar e observar. Para o autor, “na pesquisa-ação os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas” (1986, p.15). Nessa direção o autor afirma ainda que, “trata-se de um método, ou uma estratégia de pesquisa que agrega vários métodos ou técnicas de pesquisa social, com os quais se estabelece uma estrutura coletiva, participativa e ativa ao nível de captação de informação” (1986, p. 25).

Nesse contexto, este artigo apresenta uma discussão produzida a partir de nossas atividades realizadas junto aos sujeitos pesquisados e aborda a importância de uma prática voltada para o letramento no cotidiano de crianças em processo de alfabetização e também aponta algumas dificuldades deste processo produzido pela escola. A partir das observações e intervenções em sala, pretendemos discutir como as práticas de letramento literário contribuem para a compreensão da leitura e da escrita e auxiliam no processo de aquisição considerando que as crianças pesquisadas enfrentaram dificuldades para se alfabetizarem no 1º ano de escolaridade.

Considerações sobre alfabetização e letramento

A alfabetização e o letramento constituem-se como campo de conhecimento onde emergem inquietações e aponta a necessidade de investigações e produção de respostas para problemas crônicos vividos pela rede pública de ensino. No Brasil, vivenciamos uma situação em que se universalizou o acesso ao Ensino Fundamental, mas ainda não se garantiu a qualidade da educação oferecida aos alunos das camadas populares.

Conforme indica Soares (2004), nas décadas de 1960-70 o fracasso escolar foi evidenciado pelos altos índices de evasão e reprovação na 1ª série — cerca 50% dos alunos matriculados eram reprovados por não se alfabetizarem nesse ano de escolaridade. No momento presente, em que o ensino público se organiza por ciclos, o fracasso ganha visibilidade nas avaliações sistêmicas que indicam baixos desempenhos dos estudantes, sobretudo nas áreas de leitura e da escrita.

O Programa Internacional de Avaliação dos Estudante (PISA), realizado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), revelou as dificuldades dos alunos de 14-15 anos, sinalizando que parcela significativa não desenvolveu habilidades e competências de leitura e escrita previstas para o nível de escolaridade dessa faixa etária. No ano de 2000 nosso país ficou em último lugar dentre os 32 países que participaram do processo, enquanto que em sua terceira edição, realizada no ano de 2006, os estudantes brasileiros ficaram com o 4º pior lugar no *ranking*.

Esse contexto de dificuldade apresenta-se como problema contemporâneo, que também se constituiu como objeto de preocupação em outras temporalidades. Conforme Graff (1995), diferentes sociedades se ocupam da questão por compreenderem as habilidades de ler e escrever como fator de desenvolvimento cognitivo e o progresso econômico, cultural do indivíduo e das sociedades.

Dada a importância social da leitura e da escrita, compreendemos com Soares (1998) a necessidade alfabetizar letrando, ou seja, de ensinar a ler e escrever no contexto de práticas de leitura e escrita, de modo que o indivíduo alfabetizado seja capaz de fazer uso social das habilidades de ler e escrever. Uma vez que o ensino dessas habilidades foi atribuído à escola, a ampliação das demandas por leitura e escrita tem ampliado a responsabilidade dos professores, responsáveis diretos por esse ensino. No entanto, escolas e professores não têm garantido a aquisição do código alfabético e a construção de habilidades para uso social da leitura e escrita pelos alunos. A escola ensina a copiar e

a decifrar os textos e considera que o aluno já esteja alfabetizado, sendo que muitas vezes somente aprendeu a “juntar as sílabas” o que não implica a compreensão do texto.

Considerando ainda como Graff (1995) que a crença no poder transformador da leitura/escrita encerra um mito, essa concepção tem sido reafirmada a partir da centralidade do ler e do escrever e da imposição de novas demandas, que exigem novas competências e habilidades dos leitores. Nesse contexto, a alfabetização é considerada essencial, pois nesta aprendizagem se alicerça a construção de novos conhecimentos e o desenvolvimento de novas aprendizagens. É necessário que os alunos saibam ler e utilizem esse conhecimento, sendo que a construção dessa base será favorecida por um processo em que a escola não apenas incentive a leitura, mas garanta condições para sua aprendizagem.

Ensinar a ler e escrever e utilizar diferentes gêneros textuais em situações cotidianas de uso da leitura e escrita, que é o alfabetizar letrando, oferece às crianças o contato com o maravilhoso mundo da leitura pela oferta dos mais variados tipos de textos. Acreditamos que este seja verdadeiramente um grande facilitador da aquisição da leitura e da escrita e da formação de leitores competentes para as demandas do cotidiano.

Nesse sentido, Smith (2003) acredita que compreender requer a atribuição de significado às palavras e não apenas decodificação de sons isolados como ocorre nas práticas escolares, ainda segundo o autor “ler não é uma questão de decodificar a estrutura aparente da fala: os sons não farão sentido por si mesmos” (SMITH, 2003, p. 44). Práticas de letramento para crianças em fase de alfabetização, ainda que não saibam ler, torna o processo de aquisição da leitura facilitado, pois o leitor estará familiarizado com os diferentes contextos que a linguagem assume ao mesmo tempo em que desenvolve habilidades fundamentais para sua inserção no mundo da cultura escrita e abre possibilidades para novas aprendizagens.

Ao considerarmos que os sujeitos dessa pesquisa são crianças das camadas populares vê-se que as condições para uma melhoria da qualidade de vida está diretamente ligada a capacidade de se fazer o uso social da leitura, resultado da alfabetização e do letramento, e deve ocupar toda a vida do aluno, fora e dentro do âmbito escolar. Sendo assim, a alfabetização, deve ser estimulada pelo exercício da leitura de textos significativos, considerando que estas práticas podem interferir na formação

intelectual dos alunos. O modo como escrevem, lêem, ou mesmo organizam o raciocínio e oralidade também estão extremamente ligados ao gosto pela leitura e com o saber ler.

Assim, para se alfabetizarem e aprenderem a fazer uso social das habilidades de ler e escrever, as crianças precisam ser colocadas em situações didáticas estimulantes e significativas, que lhes permitam a construção e a apropriação de conhecimentos relativos ao mundo da escrita os processos mediados pela escola, devem favorecer a imersão da criança na cultura escrita, de forma que esse aprendizado inicial seja a base para novas aprendizagens e para o desenvolvimento de novas habilidades linguísticas.

O letramento literário em turmas de alfabetização

O processo de produção de dados se dá pela nossa imersão na sala de aula — espaço em que, semanalmente, têm sido realizadas oficinas de leitura de textos literários diversificados, como: contos de fadas, narrativas curtas, histórias compostas por imagens, parlendas, lenga-lenga. As atividades se organizam por metodologia de leitura que contempla a antecipação de sentidos, a elaboração de hipóteses, a motivação e a definição de objetivos para ler, a exploração das ilustrações das histórias lidas — escaneadas dos livros e projetadas por equipamento multimídia —, a leitura mediada em voz alta, a socialização de sentidos e significados, como também atividades de escrita.

Ao longo do ano percebemos, através da participação das crianças nas atividades ministradas, o desenvolvimento da compreensão dos textos lidos. Se inicialmente percebemos dificuldades de focalização da atenção, de elaboração de hipóteses e compreensão das histórias, com o desenrolar das oficinas os alunos passaram a responder corretamente às perguntas referentes ao capítulo ou a história, elaborando hipóteses, confirmando-as ou não, negociando sentidos coletivamente a partir do texto escrito. Os alunos participavam com entusiasmo e atribuíam diversos significados às situações do cotidiano. Ainda assim algumas vezes eram necessárias intervenções específicas para que estes pudessem ligar as ideias contidas nos textos. Essas situações nos fizeram perceber, como propõe Smith (2003), que a compreensão da leitura e da escrita passa pela capacidade de saber responder perguntas específicas do texto.

Tolchisky considera que aprender a ler e escrever é uma atividade simbólica, para a qual é necessário compreender o que significam as marcas pretas deixadas sobre o papel. Nesse sentido, a entrada no universo da cultura escrita e as práticas sociais das quais os

textos são objeto contribuem para que leitores e escritores infiram seu sentido. Quando aborda um texto, o aluno o faz a partir do conhecimento que acumulou sobre seus propósitos ou sobre os motivos para os quais se lê ou se escreve, sobre os gêneros discursivos, sobre diferentes tipos de texto, sobre maneiras de ler. Toda experiência acumulada em torno da leitura, tanto individual como social, orienta a atribuição de significado para a leitura e possibilita que o aprendiz produza sentido para desejar aprender a ler e escrever.

Como Smith (2003), entendemos a importância da compreensão da leitura para um aprendizado significativo da escrita, quando afirma que uma pessoa só aprenderá a ler e escrever através da prática da leitura. Assim como o sujeito só dominará a fala se ouvir pessoas conversando, somente aprenderá a ler na imersão e participação efetiva em práticas de leitura. Para o autor, ler envolve dar significado, sentido a palavra impressa. Se as crianças não forem capazes de estabelecer sentido ao que estão lendo não aprenderão relacionar o som às palavras correspondentes, a leitura tem que ter um significado para as crianças.

Nesse sentido, a pesquisa e as atividades de leitura realizadas proporcionam às crianças uma relevante prática de leitura, favorecendo uma aprendizagem significativa da escrita e leitura. Essas crianças, no 1º ano de escolaridade, construíram conhecimentos, mas não se apropriaram da leitura e da escrita, estavam em salas distintas e por terem ficado “atrasadas” comparadas às demais crianças na mesma faixa etária, foram agrupadas no 2º ano. Nas as consideramos fracassadas, mas pensamos que essa constituição da turma proporcionou condições para receberem um olhar mais específico às especificidades da alfabetização e do letramento. Acreditamos que a nossa intervenção em sala de aula favoreceu o encantamento por livros e histórias, e também proporcionou que a escola produzisse processos de mediação para a apropriação dos conhecimentos relativos ao mundo da escrita, favorecendo a imersão da criança nessa cultura, oferecendo condições para que essas crianças se alfabetizem, neste caso, recuperando o tempo perdido.

Sobre os estudos acerca da alfabetização e letramento, concordamos com Soares (1998) sobre a necessidade de alfabetizar letrando, ou seja, de ensinar a ler e escrever no contexto de práticas de leitura e escrita, de modo que o indivíduo alfabetizado seja capaz de fazer uso social das habilidades de ler e escrever. Também consideramos que alfabetizar e letrar são processos inseparáveis e complementares, em que nenhuma das

ações antecede a outra. Daí, a necessidade de apropriar-se da linguagem que se usa para escrever e aprender a usar a leitura e a escrita, sem desconsiderar as especificidades da alfabetização.

Ainda para Soares (1998), letramento significa saber ler e escrever, mas também fazer uso competente e frequente da leitura e da escrita, isto é, empregar a leitura e a escrita em suas relações sociais a fim de alcançar diversos objetivos. Alfabetizar letrando implica, então, em ensinar as crianças utilizando diferentes gêneros textuais e situações cotidianas de uso da leitura e escrita. O que se espera é que a escola se constitua como espaço para alfabetização e letramento e que os pequenos sejam apresentados ao fabuloso e extraordinário mundo da leitura pela oferta dos mais variados tipos de textos, como os contos, as fábulas, os poemas, ou ainda as revistas, jornais, entre tantas outras possibilidades. Nesse contexto, é importante compreender as crenças e expectativas das crianças sobre a leitura e a escrita, posto que possam interferir no aprendizado das habilidades de ler e escrever.

Como Graff (1997) consideramos que saber ler e escrever seja condição para o progresso individual e social, que favorece o desenvolvimento cognitivo, social e cultural das pessoas e impulsiona o desenvolvimento da sociedade. Para essas crianças a aquisição da leitura e da escrita permitirá para além das demandas escolares as quais elas se sentem pressionadas a desenvolverem, significa de fato o desenvolvimento em todos os aspectos humanos e a integração na sociedade.

Considerações

Neste artigo analisamos e discutimos a importância da leitura de histórias no processo de alfabetização de crianças com “defasagem” de aprendizagem, como uma prática de letramento e entendemos que as oficinas de trabalho realizadas na sala de aula se constituem como elemento importante pelo qual compreendemos ser possível perceber os processos de construção, as elaborações e explicações produzidas pelos alunos, avaliando seus avanços e dificuldades.

A inserção no cotidiano escolar dessas práticas de letramento literário tem ampliado as percepções e condições das crianças em relação à interpretação das histórias e a construção de sentido entre o que se lê e o que está escrito, de maneira que o texto lido faça sentido às marcas registradas nas páginas dos livros. Percebemos que a cultura

escolar ainda se encontra presa a um processo inadequado de alfabetização que valoriza a memorização e pouco a construção de sentido. Dessa maneira a pesquisa tem se mostrado importante e significativa por proporcionar aos alunos a construção de novos saberes, que lhes permitam pensar alternativas para aquisição da leitura e escrita e, também, orientar a professora na construção de novas possibilidades de ensino.

Agradecimento

Agradecemos à professora e à escola que permitiram nossa presença às quartas-feiras para realização das intervenções e parceiras na construção do conhecimento científico.

Referências

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. O método das ciências sociais. In.: ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith e GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 1998.

Associados, 1986.

GRAFF, Harvey J. *Os labirintos da alfabetização: reflexões sobre o passado e o presente da alfabetização*. Porto Alegre: Artmed, 1994.

SMITH, Frank. *Compreendendo a Leitura – uma análise psiconlínguística da leitura e do aprender a ler*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, 2004

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Dimensão, 1998.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 2ª ed; São Paulo: Cortez: Autores

TOLCHINSKY, Liliana. Ler e escrever na diversidade. In: PEREZ, Francisco Carvajal & GARCIA, Joaquim Ramos (Org.). *Ensinar ou aprender a ler e escrever?* Porto Alegre: Artmed, 2001.p.137-144.